



RESSENHA A COSTA, RICARDO DA. *IMPRESSÕES DA IDADE MÉDIA*, SÃO PAULO, EDITORA ARMADA / LIVRARIA RESISTÊNCIA CULTURAL, 2017. 277 pp. ISBN: 978-85-66418-15-6

REVIEW TO COSTA, RICARDO DA. *IMPRESSÕES DA IDADE MÉDIA*, SÃO PAULO, EDITORA ARMADA / LIVRARIA RESISTÊNCIA CULTURAL, 2017. 277 pp. ISBN: 978-85-66418-15-6

MATHEUS CORASSA DA SILVA
matheuscorassa@gmail.com

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Brasil)

A Idade Média é motivo de fascinação. Observamos um constante retorno, na cultura popular, a esse universo repleto de cavaleiros, de castelos e de conflitos para defender a fé cristã ou a honra de alguma princesa. Exemplo recente é a saga *Game of Thrones (GoT)*, *blockbuster* da TV norte-americana, que desde 2011 excita a mente dos telespectadores com um enredo baseado em violentas disputas pelo poder, ambientado num medievo nórdico e fantástico. As «Idades Médias» apresentadas pela Literatura, pelo Cinema e pelas séries televisivas atuais, no entanto, obliteram a História. Pior: reforçam preconceitos que há anos os historiadores se esforçam para combater e se voltam a maldosas elaborações como a da «Idade das Trevas», esses terríveis dez séculos de guerras

constantes e de controle ideológico ferrenho por parte da Igreja Católica. São desinformações disseminadas em plena «Era da Informação»!

Enquanto os *GoT*-maníacos se prendem a uma gélida e invernal Idade Média, precisamos ir além e enxergar a multiplicidade de acontecimentos e de processos históricos que se desenvolveram entre o *alvorecer* e o *outono* do medievo (Huizinga 2010). O papel do pesquisador é o de se aproximar dessa temporalidade despido de toda e qualquer amarra interpretativa e partir, pois, de uma busca honesta e incansável pela *verdade*, por mais estranha que pareça aos nossos tempos. É exatamente esse caminho que segue Ricardo da Costa (1962-) em seu recém-lançado *Impressões da Idade Média*. Da Costa dedica-se, desde 2000 –ano em que assumiu sua cadeira de professor efetivo na UFES–, aos estudos medievais, tendo coordenado, até o momento, quinze grupos de pesquisa, publicado mais de uma centena de artigos e uma dezena de livros. *Impressões da Idade Média* é o coroamento de uma brilhante e frutuosa trajetória intelectual de mais de duas décadas dedicadas a esse fascinante universo.

A publicação de *Impressões da Idade Média* está relacionada, ao que parece, a uma espécie de *efervescência intelectual alternativa* que se observa nos últimos cinco anos no Brasil. Fato novo, esse processo vem acompanhado de iniciativas editoriais que privilegiam o interesse de seus respectivos públicos, já exaustos da linha à esquerda que domina o mercado há mais de três décadas. O livro foi resultado de uma exitosa campanha de *crowdfunding*, financiamento coletivo no qual os leitores tornam-se também benfeitores do projeto. A *Internet*, ferramenta há muito utilizada pelo autor para tornar públicas as suas pesquisas,¹ foi fundamental para reunir o montante necessário, alcançado em cerca de quatro meses.

Enquanto a arrecadação era realizada, coube a mim e a mais dois colegas, os professores Evandro Santana Pereira² e Vinícius Saebel Lemos,³ a honra de colaborar na eleição de doze artigos do autor (entre mais de cem!) para a composição do livro. Tão logo as escolhas foram feitas, passou-se ao minucioso trabalho do editor Márcio Scansani de conceber a estrutura formal da obra, sempre acompanhado do olhar preocupado e atento do Prof. Da Costa, verdadeiro «trabalho de formiga» que brindou os leitores, a partir de outubro de 2017, com uma belíssima edição.

O livro está dividido em quatro seções, quatro pilares essenciais para conhecer a Idade Média: *História*, *Literatura*, *Filosofia* e *Artes*. Cada uma apresenta três artigos, num total de doze, número simbólico e, diria, *medieval*: é a *dúzia apostólica*, como bem destacou o Prof. Dr. Dr. Vicent Martines (Universitat d'Alacant) no texto da orelha, sinal de completude, de harmonia, de sublime transcendência. Em que pese os critérios subjetivos para a escolha de cada um deles, há uma providencial unidade ao conjunto, um fio condutor comum, um *leitmotiv* que dá sentido às abordagens: a *Cultura*, não a Política (ou a Economia) é o fator preponderante do desenvolvimento histórico do medievo.

1 Site do autor: www.ricardocosta.com.

2 *Curriculum vitae*: <http://lattes.cnpq.br/1591049521710474>.

3 *Curriculum vitae*: <http://lattes.cnpq.br/5112049975460364>.

Da Costa, dotado de um estilo que o faz uma espécie de “Georges Duby (1919-1996) tropical”, apresenta-nos múltiplas e incompreendidas *Idades Médias*. No plural, para destacar a diversidade temática desse longo período. No contexto da chamada *pós-verdade* –um eufemismo para muitas mentiras que se difundem cotidianamente em nossos tempos–, o autor mira sempre na verdade. Melhor: na *verdade histórica*, só alcançada por uma rigorosa hermenêutica das fontes de época. As elaborações excessivamente teóricas (e ideológicas), características da historiografia brasileira, não lhe interessam. As minúcias, os meandros e as nuances é que despertam sua atenção. Se é verdade que *o diabo mora nos detalhes*, nosso autor não só os exorciza como traz luz por meio das interpretações que faz deles.

A seção *História* é iniciada pelo texto *A dor da perda: as mulheres e o luto na História*, que traz à tona o fenômeno cultural do enlutamento e sua estreita relação com o universo feminino. O sofrimento do luto passava *necessariamente* pelas mulheres. O autor analisa essa temática a partir de sua projeção na *longa duração* histórica e destaca o exemplo das carpideiras, mulheres que choravam nos velórios e mantinham a cena social dos rituais fúnebres, pelo pelo menos desde o Egito antigo. Numa abordagem que alia textos de época e imagens, o que está em jogo é a *efusão de sentimentos*, entre a exultante alegria e a resignação profunda, *ethos* que permeia a história da civilização ocidental, da Antiguidade tardia à contemporaneidade.

No trabalho seguinte, «Maomé foi um enganador que fez um livro chamado Alcorão»: *a imagem do Profeta Maomé na Filosofia de Ramon Llull (1232-1316)*, da Costa analisa como o filósofo catalão tratou pejorativamente de Maomé (c. 570-632) e do *Alcorão* em seus escritos. O Profeta é apresentado como um homem impuro, endemoniado, epilético e enganador, e o *Alcorão* como uma obra confusa, enganosa e recheada de falsidades e canções luxuriosas. Para tal, o autor, o maior especialista da filosofia luliana no mundo lusófono, valeu-se dos tratados *O Livro da Intenção* (c. 1274-1283), *a Doutrina para crianças* (c. 1274-1276), *O Livro da Passagem* (1292), *O Livro Derradeiro* (1305) e *O Livro sobre a aquisição da Terra Santa* (1309), obras dotadas de um *espírito cruzadista* com o qual Llull analisou como a Cristandade poderia –e deveria– recuperar a Terra Santa e converter os infieis (muçulmanos). Balizado por uma crítica precisa dessas fontes, o autor desmitifica a anacrônica imputação que se faz ao filósofo catalão como precursor de um suposto “diálogo inter-religioso”. A sensibilidade artística se faz sentir uma vez mais e contextualiza esse debate: um afresco do pintor Giovanni da Modena (c. 1379-1455) e uma iluminura italiana do século XIV são apresentadas como imagens influenciadas pela passagem da *Divina Comédia* em que Dante (c. 1265-1321) coloca o Profeta Maomé no nono abismo do Inferno. No contexto atual em que abundam os discursos pela *tolerância* e pelo *multiculturalismo*, o leitor perceberá que a pena do medievalista não se furta de uma boa dose de polêmica.

O terceiro e último texto da seção, *A Música, uma das chaves para a compreensão do tempo*, é uma viagem ao passado do autor. Durante vinte anos, Ricardo da Costa foi músico profissional. Quando retornou à Academia, já como professor e pesquisador, manteve patente a paixão pela Música e

sempre lamentou a incapacidade da historiografia brasileira de estudar essa tão bela manifestação da cultura humana.⁴ Esse trabalho, inédito, presta-se a preencher essa lacuna. Sua proposta é apresentar a metodologia do historiador espanhol José Enrique Ruiz-Domènec (1948-) para o estudo do passado: a valorização da música nos estudos históricos como elemento chave para a compreensão da história das culturas no tempo. Para isso, o autor tomou como base quatro obras suas: *Espanña, una nueva historia* (2009), *Personajes intempestivos de la Historia* (2011), *Europa. Las claves de su historia* (2012) e *Escuchar el pasado. Ocho siglos de música europea* (2012). Nelas são apresentados três personagens que simbolizam a necessidade imperativa dos estudos sobre a Música como ferramenta para melhor compreender o passado: o papa Gregório Magno (540-604) e a criação do universo sonoro europeu com seu *canto gregoriano*, Mozart (1756-1791) e o *sentido racional* da civilização do *Ancien Régime* e Joaquín Rodrigo (1901-1999) e sua *incurável nostalgia do espanhol* no *Concerto de Aranjuez* (1939).

A seção *Literatura* é principiada pelo texto *Ainda suspira a última flor do Lácio?*, um lamento pela decadência linguística assistida nas últimas décadas e, ao mesmo tempo, uma redescoberta de maravilhosos receptáculos de nossa tão maltratada *língua de Camões* (c. 1524-1580). Analisa-se a formação do Português e seus paralelos históricos e literários com o Castelhana e o Catalão. Como estudos de caso, são abordados três autores que, entre os séculos XIV e XIX, destacaram a língua portuguesa em seu próprio tempo: o Conde D. Pedro de Barcelos (1287-1354), o padre e jesuíta Antônio Vieira (1608-1697) e o poeta parnasiano Olavo Bilac (1865-1918).

Em *As relações entre a Literatura e a História: a novela de cavalaria Curial e Guelfa*, o medievalista aborda essa belíssima e delicada obra do século XV, prosa considerada uma das joias do nascente *Humanismo catalão*, e examina as possibilidades históricas da utilização de textos literários. Em que pese as diferenças intrínsecas à História e à Literatura, a primeira preocupada com a realidade e a segunda permeada por uma liberdade poético-imaginativa, o autor reconhece um ponto convergente entre essas duas esferas do conhecimento: ambas se dedicam à *totalidade do ser*. Por entre possibilidades e particularidades, é o ser humano que se manifesta, em sua expressão mais sublime e mais humana. O texto é, ainda, uma brilhante introdução a *Curial e Guelfa*, fonte por ele traduzida para o português e publicada em 2011.⁵ Sem dúvida, uma aula magna para os que insistem em alijar do conhecimento histórico a *experiência transcendental* da Literatura.

Os epistolários medievais como espaço narrativo fundante: o universo do eu amoroso nas cartas de Bernardo de Claraval encerra a segunda seção do livro. Num contexto em que o “eu” se consolidou, durante o século XII, como um destacável processo psicológico de afirmação da individualidade, as cartas de São Bernardo de Claraval (1090-1153) revelam a mais bela *expressão da interioridade*. Por meio de

4 Coincidência ou não, atualmente Da Costa coordena o projeto de pesquisa «*Amor e Música: o trovadorismo medieval e o amor cortês. Estudo de caso: as cançons de Berenguer de Palou (c. 1160-1209)*», a ser desenvolvido durante 2018, em parceria com o *Institut Virtual Internacional de Tradició (IVITRA)*. A paixão pela Música, como se vê, ainda é manifesta.

5 Ver referência completa na bibliografia.

sua leitura, o autor discerne a afirmação literária do “eu”, especialmente a capacidade de amar o próximo, e evidencia que a correspondência literária medieval foi o *locus* dos “espaços interiores” em que a psique foi revelada, afirmada e consolidada.

Seu apelo pela apreciação histórica da elevação espiritual (que tanto nos escapa nos dias de hoje) se faz premente na seção *Filosofia*. Em *As raízes clássicas da transcendência medieval*, parte-se de uma denúncia da ocultação da Metafísica, pilar fundamental do pensamento filosófico grego, por parte da corrente materialista/nílista que domina o estudo da História da Filosofia atualmente. Aos nos apresentar o Deus de Platão (c. 428-348 a. C.), de Aristóteles (384-322 a. C.) e de Sêneca (4 a. C.-65 d. C.), o autor mantém vivo o *aspecto teológico-transcendental* dessas escolas, aprofundado pela perspectiva medieval. E insiste: a afirmação da imanência por parte da pós-modernidade tem legado e moldado nas gerações atuais um pensamento filosófico erroneamente distorcido e incompleto. O aviso está dado: «quem tem ouvidos, ouça»!

Essa *guinada transcendental* continua em *A Eternidade de Deus na filosofia de Ramon Llull (1232-1316)*. O conceito de *Eternidade* na filosofia do escritor catalão é analisado a partir das obras *Livro das Maravilhas* (1288-1289), *Árvore da Ciência* (1295-1296), *O Livro do que o homem deve crer em Deus* (1302), *Arte breve* (1308), *O Livro dos Correlativos* (1310), *Do nascimento do menino Jesus* (1311) e *O Livro da Cidade do Mundo* (1314). O autor destaca que Llull foi o criador de uma heterodoxa *filosofia de conversão ao catolicismo* e, para isso, absorveu, moldou, recriou e fez eco às meditações das heranças filosóficas clássica e alto-medieval.

A anamnese estética de Umberto Eco, último artigo da seção *Filosofia*, apresenta-nos um trabalho de fôlego, que se propõe a examinar as ideias estéticas do pensador italiano Umberto Eco (1932-2016) em sua obra *Arte e Beleza na Estética Medieval* (1987), particularmente as sensibilidades e os interesses estéticos dos medievais na *metafísica da luz (claritas)*, no *simbolismo* e no *alegorismo*, além da *visão estética do universo*. Da Costa se vale do conceito de *anamnese* de Eric Voegelin (1901-1985), isto é, sua *filosofia da consciência* à dimensão existencial *retrospectiva*, e das considerações estéticas do filósofo Roger Scruton (1944-). Para ele, a *anamnese*, enquanto *memória psíquica*, manifesta-se também na «transferência da *memória pessoal revivida* para a reconstituição dos processos artísticos formadores da *consciência artístico-civilizacional do Ocidente*» (Costa 2017: 207). E é também ela, imersa no contexto mental de um historiador da arte do calibre de Eco, que pode lhe proporcionar a fugacidade da contemplação estética do Belo.

Chego, finalmente, às *Artes, métier* que tem dominado suas reflexões nos últimos cinco anos –desde que passou a integrar o Departamento de Teoria da Arte e Música (DTAM) da UFES. O trabalho *Entre Chartres e Amiens: a vida cotidiana dos camponeses medievais na Arte (séc. XIII)* abre essa última seção e realiza uma *análise iconográfica* de imagens de camponeses medievais nas catedrais de Chartres e Amiens, tópico intitulado *Os Trabalhos dos Meses*, muito presente na arte medieval. O autor considera as imagens a partir de seu caráter realista, como representações reais da vida cotidiana. Ao adotar as elaborações de Erwin Panofsky (1892-1968) e de Jean-Claude Schmitt (1946-), ele nos apresenta

o contexto do período sob uma ótica *compreensiva* e define aquelas manifestações arquitetônico-culturais como *a materialização do espírito da Idade Média*. Além disso, vale-se dos suportes teórico, artístico e histórico de Georges Duby (1919-1996) e de Alfons Puigarnau – a tese da *Estética como manifestação metafísica* e sua consequente e necessária representação imagética. Aqui, bem como nos dois artigos seguintes, vê-se a perspectiva metodológica de análise conjunta entre textos de época e imagens, que há anos permeia sua produção intelectual, em sua versão mais bem acabada.

Em *A Estética do Corpo na Filosofia e na Arte da Idade Média: texto e imagem*, os paradoxos a que o corpo esteve sujeito durante o medievo são abordados, numa análise de natureza filosófica e estético-artística. Ao opor a tradição medieval sobre o corpo à sua *desintegração* operada pela arte contemporânea, o historiador no-lo apresenta como o centro da Criação divina. O corpo foi considerado *cárcere da alma*, *entrecruzamento das forças do Universo*, alegoria representativa da sociedade daqueles tempos, *morada sublime* do espírito, *coprincípio essencial* do ente humano. Essas são algumas das concepções filosóficas abundantemente citadas por Da Costa: de Platão a Nietzsche (1844-1900), além de Hildegarda de Bingen (1098-1179), João de Salisbury (c. 1120-1180), Isidoro de Sevilha (560-636), Bernardo de Claraval e Tomás de Aquino (1225-1274). As questões desenvolvidas nas fontes textuais são materializadas pela iconografia analisada pelo autor (iluminuras, vitrais e esculturas góticas). Suas reflexões estabelecem uma visão mais ampla que compreende o lugar do corpo no pensamento e na cultura medievais, além da projeção de suas contradições existenciais nas temporalidades subsequentes.

Last but not least, o texto *Corpo transgredido, locus profanado: o martírio de Tomás Becket (c. 1118-1170) na arte medieval* conclui a coletânea com a beleza e a elegância que lhe são próprias. Trata-se de um *estudo iconográfico* de imagens medievais a respeito do martírio de Tomás Becket (1118-1170), especialmente o afresco da absídiola da Igreja de Santa Maria de Terrassa (c.1180) que representa a consagração, a morte e o enterramento do santo. Como suporte textual, Da Costa analisa, além das representações imagéticas, extratos de quatro textos medievais: a *História dos Arcebispos de Canterbury* (c. 1141-1210), de Gervásio de Canterbury, a *Vida de São Tomás, arcebispo da Cantuária e mártir*, de Edward Grim (séc. XII), a *Crônica de Bento de Peterborough* (†1194) e a *Legenda Áurea* (c. 1252-1270) de Jacopo de Varazze (c. 1230-1298). A iconografia sobre Becket é apresentada, nesse contexto, como *elemento estético preservador da memória*. *Arte-memória, arte-moral, arte vivida* (Costa 2017: 275).

A Providência age para dar sentido às coisas que enlevam. A escolha dos artigos, feita segundo critérios predominantemente subjetivos, concorreu para a unidade da obra. Os conjuntos de textos de cada uma das seções, como os *exempla* medievais, apresentam uma mensagem, um ensinamento. Em *História*, só é possível conhecer *verdadeiramente* o passado por meio de um estudo rigoroso das fontes de época e pela aproximação do «caldo cultural» (mentalidade, sentimentos, religião, artes, música, etc.) em que estão imersos os diferentes povos. Em *Literatura*, há um libelo contra os modismos pós-modernos –e bem brasileiros– que insistem em valorizar mais o conteúdo do que a forma dos escritos. O autor não deixa dúvidas de que sem a *beleza da forma*, a apreciação literária é

impossível. Em *Filosofia*, a *vida eterna* é o cerne das discussões. Só a transcendência pode nos salvar da vileza que nos cerca e nos sufoca. Finalmente, em *Artes*, Da Costa demonstra que a Beleza está no trabalho cotidiano dos camponeses, no corpo e em seu sofrimento. Ela nos direciona para a eternidade e talvez seja a passagem que necessitamos para a tão esperada *fuga mundi*.

Ricardo da Costa manifesta, nesse livro, a essência do professor, do pedagogo (παιδαγωγός): aquele que conduz as crianças em direção ao saber. Somos eternos infantes, recém-iniciados, do vasto universo da Idade Média. Ao nos apresentar essas saborosas, profundas e precisas *Impressões da Idade Média* – e aqui peço licença para concluir minhas considerações com um trecho do brilhante prefácio de Márcio Scansani – «Ricardo da Costa nos faz ver que, exatamente como afirmou João de Salisbury (c. 1120-1180) sobre uma frase de Bernardo de Chartres (século XII): somos todos “anões nos ombros de gigantes”».

Bibliografia

- Costa, Ricardo da (2017) *Impressões da Idade Média*, São Paulo: Editora Armada/Livraria Resistência Cultural.
- Curial e Guelfa* (2011) tradução e notas de Ricardo da Costa, Santa Barbara, California, Publications of eHumanista.
- Huizinha, Johan (2010) *O outono da Idade Média*, São Paulo, Cosac Naify.